XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

O ESTUDO DA INFLUÊNCIA DO PATRIARCADO SOBRE O TRABALHO FEMININO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM FORTALEZA NO PERIODO DE RESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO BRASIL

Emanuella Soares de Oliveira
emanuellaso@gmail.com
Universidade Estadual do Ceará
Brasil

RESUMO

Ao investigar o trabalho das mulheres na construção civil faço os seguintes questionamentos: Quais as dificuldades que elas enfrentam no decorrer do exercício do seu trabalho? De onde elas vêm? Quais são suas condições socioeconômicas? Para responder essa problemática utilizei o estudo de Mayra Rachel da Silva sobre o trabalho das mulheres na construção civil de Fortaleza; e a pesquisa bibliográfica de Pateman, Saffioti e Engels sobre patriarcado. Esta análise está dividida em três tópicos: o trabalho da mulher na construção civil de Fortaleza; compreendendo o gênero a partir do trabalho; o que é mesmo esse patriarcado, de onde ele surgiu. No primeiro tópico abordo o mercado da construção civil que é constituído dos setores edificações, construção pesada e montagem industrial. É um setor hierárquico e um mercado tipicamente masculino que aos poucos vêm sendo ocupado por mulheres. O mercado da construção civil é crescente, por isso atrativo também para as mulheres, que ao adentrarem nesse nicho tem enfrentado o preconceito de colegas e contratantes com a afirmação de não ser esse um lugar de mulher. Contudo, as mulheres se orgulham do seu trabalho, pois proporciona-lhes independência financeira para si e suas famílias. O segundo tópico aborda a categoria trabalho na perspectiva da construção do ser humano transformador da natureza, sendo teleológico, realizado a partir da necessidade deste. Portanto, o trabalho dele é diferente do trabalho animal que o faz biologicamente, por instinto, enquanto o homem se utiliza da previa-ideação e da objetivação. O conhecimento adquirido neste processo de experimentação, testes, repetições é cumulativo. O trabalho faz parte da constituição humana. Então como surge a diferença de gênero dentro dessa categoria? O Terceiro tópico discute a categoria gênero. Para Saffioti (2004) há um consenso entre as feministas que gênero é a construção social do masculino e do feminino. Segundo Engels com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária iniciou-se a acumulação de bens e a monogamia. Saffioti concorda com Engels em que a mulher foi submetida ao homem por meio da monogamia de modo a garantir o controle de seus herdeiros. Pateman trabalha o patriarcado tomando como ponto de partida o contrato original. Concluo observando que muitas das dificuldades sentidas pelas mulheres dentro do setor da construção civil derivam de uma opressão histórica, apropriada pelo capitalismo, que deve ser combatida por mulheres e homens. A percepção de luta precisa buscar transformações sociais para alcançar uma nova forma de produção numa sociedade igualitária.

Palabras clave: construção civil, trabalho, patriarcado

ABSTRACT

When investigating the work of women in construction, I ask the following questions: What are the difficulties they face in the course of their work? Where do they come from? What are your

socioeconomic conditions? To answer this problem I used the study of Mayra Rachel da Silva on the work of women in the construction of Fortaleza; and Pateman, Saffioti and Engels' bibliographical research on patriarchy. This analysis is divided into three topics: women's work in Fortaleza's construction; understanding the gender from the work; what is this patriarchy, where did it come from? In the first topic I approach the market of the construction that is constituted of the sectors buildings, heavy construction and industrial assembly. It is a hierarchical sector and a typically male market that little by little has been occupied by women. The construction market is growing, so attractive also for women, who entering this niche has faced the prejudice of colleagues and contractors with the assertion that this is not a woman's place. However, women are proud of their work as it provides them with financial independence for themselves and their families. The second topic deals with the category work in the perspective of the construction of the human being transforming nature, being teleological, realized from the need of this. His work, therefore, is different from the animal work which does it biologically, by instinct, while man uses pre-ideation and objectification. The knowledge gained in this process of experimentation, testing, repetition is cumulative. Work is part of the human constitution. So how does the gender difference come into this category? The third topic discusses the gender category. For Saffioti (2004) there is a consensus among feminists that gender is the social construction of masculine and feminine. According to Engels, with the development of agriculture and cattle-raising, the accumulation of goods and monogamy began. Saffioti agrees with Engels that the woman was subjected to man through monogamy in order to secure control of her heirs. Pateman works the patriarchy taking as its starting point the original contract. I conclude by observing that many of the difficulties experienced by women within the construction sector derive from a historical oppression appropriated by capitalism that must be combated by women and men. The perception of struggle needs to seek social transformations to achieve a new form of production in an egalitarian society.

Keywords: construction, work, patriarchy

I. INTRODUÇÃO

A partir do seminário de Economia Política ministrado pela professora Sofia Manzano, em que a mesma enfatizou a entrada de mulheres no mercado da construção civil, elaborei este artigo. Ao observar alguns canteiros de obras, pude constatar a participação feminina nesse setor, ainda que tivessem uma presença modesta, trabalhando principalmente no departamento de acabamento, assim como servente.

Por meio deste seminário e do primeiro contato com campo, foi construído o objeto deste artigo, que consiste em compreender os motivos sociais e econômicos que levam ao aumento da ocupação feminina, no nicho do mercado de trabalho da construção civil em Fortaleza.

Ao examinar essa temática surgiram as seguintes questões: o que levou essas mulheres a entrarem neste nicho de trabalho? Quais as dificuldades que elas enfrentam no decorrer do exercício de seu trabalho? Quais as suas condições de prestação de serviço nesse setor? De onde elas vêm? Quais são suas condições socioeconômicas?

Investigo as seguintes hipóteses: vitória do movimento feminista, no sentido de igualar a colocação em todos os espaços do mercado de trabalho; deterioração das condições de vida das famílias que moram nas periferias dos grandes centros urbanos levam as mulheres a ocuparem os postos de trabalho mais penosos como no caso da construção civil; o fato destas sofrerem com a dominação patriarcal, não terem experiência de organização sindical e, portanto, pressupõe-se socialmente mais submissas e fáceis de dominar, sendo isto, um dos motivos que facilitou o aumento da sua contratação no setor estudado.

A análise proposta é relevante para as ciências sociais no intuito de melhor compreender esse fenômeno complexo, que se intensifica nos anos 90, com as mudanças socioeconômicas ocorridas no âmbito da produção, chamadas de reestruturação produtiva[1]. Ela aprofunda o processo de inserção das mulheres em áreas de trabalho tipicamente masculinas, processo este que começa desde o século passado.

[1] Segundo (PINTO,2007) a reestruturação produtiva que se caracteriza por uma nova organização do trabalho tem_sua base principal no taylorismo, fordismo e toyotismo. Em que em um processo gradual de flexibilização do trabalho com o objetivo de aumentar o lucro da burguesia e tira-la da crise.

No entanto, esta inserção no mercado de trabalho não diminui as distâncias entre os gêneros geradas pelo patriarcado, de tal forma que a mulher ainda é a principal responsável por realizar as atividades domésticas.

Esta forma de atividade é, até hoje, uma forma de trabalho não valorizado. Percebo que mesmo com a ampliação da participação da mulher no mundo do trabalho, permanecem as desigualdades entre os gêneros[2]. As mulheres em seu labor fora do espaço do lar acabam ficando com atividades tidas "femininas", que necessitam de mais atenção e destreza.

Desta forma Nogueira descreve:

> [...] nos anos 90, a mundialização do capital emitiu efeitos complexos, além de contraditórios, afetando desigualmente o emprego feminino e o masculino. Em relação ao emprego masculino, ocorre uma regressão e/ou estagnação. Já o emprego e o trabalho feminino remunerado crescem, mas, mesmo ampliando a participação feminina no mundo produtivo as tarefas domésticas continuavam reservadas exclusivamente à mulher, ou seja, a organização da família patriarcal pouco é alterada, o marido se mantém provedor e a esposa a provedora complementar e dona de casa, confirmando a divisão sexual desigual do trabalho (Nogueira, 2010, p. 59).

Um acontecimento notado na dissertação de Mayra Rachel da Silva[3] sobre esta temática, é o fato de haver um crescimento deste setor (construção civil), tornando-o atrativo para as mulheres. Estas procuram adentrar neste nicho de trabalho, antes vislumbrado como masculino, enfrentam o preconceito de colegas e contratantes (acham que este emprego não é o lugar delas), principalmente as pedreiras. Muitas acabam trabalhando em funções relacionadas à limpeza e acabamento, por serem mais próximas ao trabalho doméstico. Não obstante, as mulheres se orgulham do seu trabalho, pois lhes proporciona independência financeira e podem ajudar sua família.

> Apesar das dificuldades inerentes a toda inserção de mulheres em ramos tradicionalmente masculinos, as entrevistadas sentem-se muito orgulhosas por realizarem as tarefas que até pouco tempo, segundo expressou uma delas, os homens não as queriam por perto nem para ajudar. (SILVA, 2013, p. 42).

[2]Gênero é a construção social do masculino e do feminino SAFFIOTI, 2015, p. 47

[3] Ver dissertação: *Canteiro de Obras, lugar de mulher? – um estudo sobre as relações de gênero e trabalho no âmbito da construção civil de Fortaleza-CE* de SILVA, Mayra Rachel do Programa de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará, 2013.

A análise socioeconômica que orienta este artigo tem como pressuposto o conceito de classes sociais (particularmente o conceito de classe trabalhadora). A elaboração deste conceito, segundo o referencial teórico adotado, toma como critérios a posição dos indivíduos nas relações sociais de produção, a formação de uma consciência coletiva própria, que lhe distingue de outros coletivos, advinda de sua posição na divisão social do trabalho, e sua ação política enquanto sujeito coletivo a partir desta forma de consciência social[4].

Segundo esta concepção, a classe trabalhadora seria formada, entre outros sujeitos, por homens e mulheres, situados em determinado lugar nas relações de produção, cuja identidade coletiva relaciona-se à sua posição objetiva no processo produtivo. Assim, as diversas formas de lutas que envolvem esses sujeitos devem ser pautadas conjuntamente, o que nem sempre é feito, justificando a relevância desta temática. Por isso as investigações relacionando as determinações do mundo do trabalho às relações de gênero ainda carecem de material bibliográfico de referência, mostrando assim a possibilidade de desenvolvimento de investigações nessa área.

Outro aspecto importante do artigo é o aspecto organizativo, uma vez que suas conclusões poderão ser utilizadas no desenvolvimento da organização social das trabalhadoras da construção civil, movimentos feministas, entre outros. Portanto, o artigo caracteriza-se como uma ferramenta de transformação social.

Entendo que grande parte das produções acadêmicas que tematizam as relações econômicas, caracterizam-se pela descrição aparente do seu objeto de pesquisa, onde, muitas vezes resume-se à uma fração do todo estudado, cujas relações como mundo do trabalho nem sempre é levada em conta. Com isso, tento compreender o trabalho feminino a partir da restruturação produtiva, através da influência do patriarcado e da exploração do Capital dessa força de trabalho, utilizando-se do método dialético de Marx para apreender o movimento real do objeto estudado, sua totalidade, nessa pesquisa, é outro diferencial.

[4] Iasi define classe sociais, segundo Marx, na assertiva seguinte: “Podemos, então, afirmar que, além de determinações mais elementares, como a posição diante de certas relações sociais de produção, ou da propriedade dos meios de produção fundamentais em cada momento, da consciência e ação de uma classe em uma formação social concreta, Marx vê as classes como sujeitos das alterações históricas, como mediações históricas das contradições estruturais que amadurecem no interior de cada sociedade” (2007, p. 110).

Desta forma, a luta das mulheres contra a precarização do seu trabalho não se trata, pois, somente de um conflito no âmbito das relações de gênero. Esta situa-se como uma particularidade do processo de emancipação da classe trabalhadora em geral (cujo protagonismo é considerado como tipicamente masculino), exigindo assim, a conjugação do esforço de homens e mulheres, colocando-se como um momento determinado da luta de classes, e, portanto, inserindo-se no contexto geral do enfrentamento contra a exploração do trabalho na sociabilidade capitalista, ainda que, esta tenha, em sua particularidade, a luta contra o patriarcado.

Para isso esse artigo tem o objetivo de compreender quais são os motivos sociais e econômicos que levam ao aumento da ocupação feminina no nicho do mercado de trabalho da construção civil de Fortaleza, tendo como marco histórico o processo de reestruturação produtiva.

Os objetivos específicos são identificar as motivações das mulheres entrevistadas a adentrarem o trabalho na construção civil; examinar como a inserção do trabalho feminino se circunscreve na estratégia neoliberal de precarização do trabalho no processo de reestruturação produtiva; pesquisar a história dos trabalhadores da construção civil no Brasil, mais especificamente no Ceará; analisar os fatores sociais e econômicos que levam as mulheres a entrarem no mercado da construção civil em Fortaleza; investigar as condições de trabalho e principais dificuldades sentidas pelas trabalhadoras nesta categoria.

Este artigo faz parte da escrita de minha dissertação de mestrado e ainda estar em desenvolvimento.

II. MARCO TEÓRICO/MARCO CONCEITUAL

Com o enfoque na reestruturação produtiva, compreender a nova organização do trabalho na sociedade capitalista, estudei com (Pinto, 2007) o taylorismo, fordismo, toyotismo e seu desenrolar no neoliberalismo. Em linhas gerais, estas formas de organização do trabalho produtivo consistem em um processo gradual de flexibilização do trabalho como objetivo de aumentar a produtividade. O taylorismo, por exemplo, constitui a divisão do trabalho em sua forma mais simples. O trabalhador faz parte do processo de produção como uma ferramenta montando, cada um, parte do produto. Com isso já não conhece o processo de produção em sua totalidade, está

desapropriado dos meios de produção e trabalha no espaço do patrão, mas consegue controlar o seu ritmo de trabalho.

Já no fordismo, a grande inovação são as esteiras. Os trabalhadores se organizam em fileiras próximas às esteiras de acordo com o progresso da matéria-prima, nestas, vão produzindo a montagem da mercadoria. Nesse processo, eles, além de não conhecerem como é realizada a produção em sua totalidade, trabalharem no espaço do empresário, agora também não controlam seu ritmo de trabalho que será comandado pela gerência, através do ritmo da esteira.

O toyotismo, por sua vez, é um processo inovador onde os operários não ficam mais em uma fila, mas em uma formação cuja configuração é em formato de "U", no qual as mercadorias vão circulando. Eles trabalham por setores e em equipe. A produção é dividida por partes em diversos países. O trabalhador agora é colaborador. Desta forma, além de todos os controles anteriores, o operário não se conhece como tal, já que ele como colaborador faz parte da empresa, dificultando, desta forma, o processo de formação da sua consciência de classe. A divisão por setor, também propicia o processo de desmobilização destes, já que os trabalhadores não mais se comunicam entre si; no geral, só por setor, sendo espalhados entre diversas empresas, localizadas em países distintos. Tudo isso desapropria o proletário da produção e dificulta sua organização[5].

Ricardo Antunes (2004) afirma, de modo sintético, que a necessidade de elevação da produtividade ocorreu através de reorganização da produção com a redução de número de trabalhadores, intensificação da jornada de trabalho dos empregados, intensificação dos CCO's (Círculo de Controle de Qualidade) e dos sistemas de produção *just-in-time* e *kanban*, dentre os principais elementos. Em um de seus artigos "*Anotações sobre o Capitalismo Recente e a Restruturação Produtiva no Brasil"* o autor discute as influências das transformações no mundo do trabalho neste país.

No Brasil, só nos anos 90, é que intensificou-se o processo de reestruturação com a implementação do fordismo, seguindo o desenvolvimento da pragmática neoliberal, acompanhado

[5] A referência para as considerações desenvolvidas acima sobre as formas de organização do trabalho na reestruturação produtiva (fordismo, toyotismo e taylorismo) foram extraídas de PINTO, Geraldo Augusto, *Organização do Trabalho do Século 20***.** 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

de características do toyotismo, como a transformação do proletário em colaborador, terceirização do trabalho e o processo de liofilização, que consiste no artifício de enxugar a quantidade de trabalhadores nas fábricas, os que permanecem são mais qualificados ocupando várias funções, inserção de máquinas e do trabalho feminino. Desta forma, a reestruturação produtiva no Brasil é heterogênea e tem como objetivo intensificar a precarização do proletariado com a flexibilização do seu trabalho, a intensificação da desigualdade de gênero no mundo do trabalho e uma crescente retirada de direito dos trabalhadores, desvalorizando-o como ser humano, assim aumentar o lucro da burguesia.

> Assim, a precarização do trabalho que ocorre hoje, no século XXI, sob o capitalismo global, seria não apenas precarização do trabalho, no sentido da força-de-trabalho como mercadoria, mas seria também a precarização do homem-que-trabalha, no sentido de precarização existencial, atingindo o homem como ser genérico. (CARVALHO, 2014 p.228).

Outro elemento da reestruturação produtiva é o aprofundamento da divisão sexual do trabalho[6], de modo que, apesar da força de trabalho feminina começar a ocupar postos de trabalhos tipicamente masculinos, como exemplo das mulheres na construção civil, seus cargos são direcionados à atividades que exijam mais destreza, zelo, refino, qualidades consideradas femininas. Estas características não são inatas, são adquiridas socialmente através das atividades domésticas. A concepção dessas serem adquiridas de forma inata é utilizada como argumento de justificação da divisão sexual do trabalho, fortalecendo seu caráter ideológico. Logo, a operária entra no mercado de trabalho de forma desvalorizada, por conta da divisão do trabalho entre homens e mulheres, continuando e intensificando as características tidas como naturais entre estes sexos, sendo as masculinas supervalorizadas e as femininas inferiorizadas. Assim, A força de trabalho feminina é tida como desqualificada e incapaz de realizar atividades que necessitem grandes esforços.

> Dessa forma, a divisão sócio sexual do trabalho expressa uma hierarquia de gênero que, em grande medida, influencia na desqualificação do trabalho feminino assalariado, no sentido da desvalorização da força de trabalho e consequentemente desencadeando uma acentuada precarização feminina no mundo produtivo. (NOGUEIRA, 2010, p. 59).

[6] A divisão sexual do trabalho é, portanto, um fenômeno histórico, pois se metamorfoseia de acordo com a sociedade da qual faz parte. (NOGUEIRA, 2010, p. 59).

> No que se refere ás qualidades atribuídas à mão de obra feminina, convém lembrar a demonstração de Daniele Kergoat, segundo a qual aquilo que é definido como qualidade natural, intrínseca à natureza das mulheres é, em realidade, o produto da educação e da formação das meninas no trabalho doméstico: o que quer dizer que elas são formadas para efetuar tarefas monótonas, repetir dia após dia os mesmos gestos, dar provas de minúcia, de rapidez, de destreza e de habilidade manual na execução de tarefas não remuneradas e não valorizadas, sempre submissas aos homens no seio da família (daí sua docilidade). (LOBO, 2011, p. 35-36).

Essa forma dicotômica de pensar a sociedade tem raízes na divisão sócio sexual do trabalho. Esta categoria consiste na análise do trabalho feminino em relação a sociabilidade, sua produção e reprodução. Por meio do sistema patriarcal, a mulher fica em padrões de inferioridade em relação ao homem[7], mesmo no trabalho externo ao lar. Estas características foram tomadas a partir de Nogueira(2010). A pensadora Mirla Cisne também concorda com esses aspectos da dicotomia na divisão sexual do trabalho, afirmando:

> A divisão sexual do trabalho resulta de um sistema patriarcal capitalista que por meio da divisão sexual do trabalho confere às mulheres um baixo prestígio social e as submete aos trabalhos mais preconizados e desvalorizados. (CISNE, 2012, p.109).

Estas relações da divisão sócio sexual do trabalho influi diretamente na participação feminina no mundo do trabalho, de modo que as mulheres foram incorporadas intensamente no processo de reestruturação produtiva, mas através da assimilação do patriarcado pelo capitalismo. Estas incorporações aconteciam por meio de trabalhos em tempo parcial, no qual são superexploradas, além de no espaço familiar serem responsáveis pelas tarefas domésticas. A vista disso, as mulheres vão ocupar os cargos mais precarizados, ganhar menos e ainda são responsáveis pela produção e reprodução social, isto é, nesse sistema, é imposto à elas as tarefas do lar e ao homem ser o viril e provedor da casa. Com esses argumentos, ao entrar no mercado de trabalho, a mulher sofre com a mistificação de que seu trabalho é complementar ao do homem. Hoje pode-se afirmar que essa ideia é falsa, pelo contrário, é essencial para a renda familiar.

Contudo não podemos compreender o aumento da força produtiva feminina no mercado de trabalho como algo ruim. As mulheres sempre tiveram dificuldade de adentrar ao espaço público,

[7] Numa sociedade de classes, essa situação de inferioridade está presente na própria classe dominante, mostrando assim como as relações capitalistas de produção articulam-se com relações sociais anteriores à ele. No caso das famílias proletárias, a divisão sexual do trabalho torna a mulher duplamente explorada: pelo capitalista no local de trabalho e pelo marido (que também é trabalhador) no lar.

o qual é destinado aos homens, o espaço fora de casa, como no trabalho, estudo e política isso vem sendo negado pelo sistema patriarcal,[8] por via da divisão sócio sexual do trabalho. A participação da mulher no mercado de trabalho propicia sua independência financeira em relação ao homem, como também, determinação para lutar por igualdade entre os sexos.

Todos esses aspectos estão inseridos no mercado da construção civil que é um dos mais antigos do mundo e vem sendo ocupado por mulheres. Constituído dos setores edificações, construção pesada e montagem industrial. Responsável pelas construções em geral, seja pública ou privada, indo dos pequenos aos grandes empreendimentos. Um dos ramos que mais causa transformações na natureza justamente por utilizá-la, modificá-la ao realizar uma construção. É um setor hierárquico, indo do contratante ao servente. Um mercado tipicamente masculino que aos poucos vêm sendo ocupado por mulheres. A partir dos anos 1990 começa-se a investir na qualificação dos trabalhadores, contudo, ainda na contemporaneidade, temos *déficit* neste aspecto. Um setor de grande rotatividade, pois o emprego prolonga-se até a obra acabar, com isso, o trabalhador ou é transferido para outra obra ou é demitido. Sobre os setores desse ramo:

> Segundo Vieira (2006), a indústria da construção civil está dividida em três subsetores: o de edificações, responsável pela construção de edifícios residenciais, comerciais e industriais, públicos ou privados, cujas obras são realizadas por empresas de pequeno, médio ou grande porte. O de Construção pesada, que objetiva a construção de infraestrutura de transportes, energia, telecomunicações e saneamento. E, Por fim, tem-se o setor de montagem industrial, responsável pela montagem de estruturas metálicas nos vários setores industriais, sistemas de geração de energia, de comunicações e de exploração de recursos naturais (SILVA, 2013, p. 20).

Houve grades incentivos para a participação da mulher no setor da construção civil principalmente no período de 2006 a 2014 com projetos do governo federal e estadual como *Mulheres Construindo Autonomia na Construção Civil, Mulheres na Construção, Mão na Massa,* todos esses projetos preparavam a mulher para entrar nesse nicho de mercado desde sua capacitação, como na profissão de pedreira a acordos com o Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon) para as empresas as contratarem, após a qualificação. Esse fato combinado com

[8] Saffioti define patriarcado em sua obra “Gênero, patriarcado e violência” - É o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens.

grandes investimentos em infraestrutura propiciaram o aumento da participação delas nesse setor, embora sua força de trabalho seja pequena se comparada com a masculina.

> O mercado da construção civil teve um crescimento significativo nos últimos anos. Esta eclosão, segundo o Estudo Setorial da Construção em 2012, realizada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) foi impulsionada pelo aumento dos investimentos públicos em obras de infraestrutura e em unidades habitacionais, a partir do lançamento de dois programas de governo: o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC I), em 2007, e o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), em 2009. Ainda segundo esse estudo, em 2010 foi registrado o melhor desempenho em 24 anos. Resultado este devido a uma combinação de fatores, dentre eles o aumento do crédito, a queda das taxas de juros, programas de investimentos públicos em infraestrutura, redução de impostos, aumento da renda dos ocupados e da massa de salários. ROMCYE; BRITES, 2015, p.138-139.

O mercado da construção civil é crescente no Ceará, um dos mais promissores com um bom desempenho também devido as construções dos conjuntos habitacionais do programa do governo federal *Minha casa minha vida*. Ele compõe boa parte das empresas cearenses. Desta forma um setor que mais contrata trabalhadores.

> Os dados apresentados pela Federação das Indústrias do Estado do Ceará - FIEC (2011), com relação ao parque fabril cearense, demonstram a força da construção civil nesse Estado - dentre as 14.537 empresas existentes no Ceará, até o ano de 2010, 4.546 eram empresas do setor da Construção Civil. (SILVA, 2013, p. 22)

Como explanado vimos que houve um aumento da participação das mulheres na construção civil no Brasil e no Ceará, devido ao processo da restruturação produtiva, com os incentivos governamentais, mas que essas enfrentam grandes dificuldades como salários mais baixos apesar de sua qualificação. Esse fenômeno e as condições socioeconômicas das trabalhadoras da construção civil serão investigadas nesta pesquisa.

III. METODOLOGIA

Este trabalho tem base teórica com Bourdieu no estranhamento do objeto e em Marx, utilizando seu método dialético, os quais compreendo o movimento real das trabalhadoras na construção civil, numa análise de suas condições socioeconômicas, bem como labor.

A partir do estudo de Bourdieu (1989) desenvolvo a concepção de estranhamento do objeto. Ao visualizar que o pesquisador deve ter um certo afastamento deste para poder fazer suas análises o mais próximo do real. Quanto mais próximo ao fenômeno e atuante neste, mais fácil ficar

desatento a aspetos pertencentes ao mesmo. Com isso, faz-se necessário ressaltar a importância da desconstrução ideológica do perfil do trabalhador da construção civil ser do sexo masculino, forte e viril, demostrando a heterogeneidade dessa categoria.

Marx (1983) parte da perspectiva da análise das particularidades para o todo. Em uma análise que parte do real para o abstrato e do movimento inverso do abstrato para o concreto, tendo assim dois movimentos dialéticos: o da investigação em que esmiúça o objeto para sua forma mais elementar na abstração e faz o movimento de volta do abstrato para o concreto na forma de concreto pensado para a exposição do objeto. No processo de exposição existem as mediações que compreendem a relação entre a aparência imediata e a essência do objeto, ou seja, o seu movimento interno. Seu modo de verificação se dá através da averiguação dos fatos e da história, isto é, na prática.

O trabalho, portanto, foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, com natureza qualitativa. O objeto foi verificado por meio das hipóteses, objetivos, quadro teórico

Utilizei as seguintes categorias: divisão sexual do trabalho, com CISNE (2012), LOBO (2011) e NOGUEIRA (2010); relação de classe a partir de IASI (2007); patriarcado e capitalismo com NOGUEIRA (2010); bem como a relação entre a precarização do trabalho feminino e a restruturação produtiva e o neoliberalismo por ANTUNES (2004), CARVALHO (2014), PINTO (2007), SILVA, (2005), SILVA (2013), ROMCY; BRITES (2015).

IV. ANALISES E DISCUSSÃO DE DADOS

Ao discutir trabalho e patriarcado, constatou-se como estes estão interligados. A forma de sociabilização da produção demostra se uma sociedade é igualitária ou desigual. Em uma sociedade igualitária não há distinção entre os indivíduos. Já em uma sociedade desigual há um tratamento diferenciado que proporciona formas de exploração como a diferença de gênero proporciona um ser considerado adequado ou não a determinado mercado de trabalho.

Com isso percebeu-se que muitas das dificuldades sentidas pelas mulheres dentro do setor da construção civil deriva de uma opressão histórica apropriada pelo capitalismo que deve ser

combatida por mulheres e homens. A percepção de luta precisa buscar transformações sociais para alcançar uma nova forma de produção, uma sociedade igualitária.

Desta forma, devemos combater o patriarcado em todas as suas formas em todos os espaços e não naturalizar as diferenças preconceituosas de gênero. Estas opressões que marcam profundamente a vida de uma mulher, que muitas vezes podem tirar sua vida. No caso estudado a dificuldade de à mulher ter ascensão no setor da construção civil por ser visto como um ramo tipicamente masculino e muitas ficarem restritas a atividades que são tidas preferencialmente a elas.

Por fim, a ascensão da mulher no mercado da construção civil mostra que estas estão dispostas a adentrar esse mercado e que há muito ainda a ser superado para a sua pleno desenvoltura nessa área. É importante ressaltar os benefícios que trazem a essas mulheres a estarem nesse mercado. Elas conseguiram independência financeira, aumentaram sua estima e podem dar melhores condições a sua família.

Essas análises preliminares ainda serão mais aprofundados no desenvolvimento de minha dissertação.

V. CONCLUSÃO

O trabalho não é exclusivo do sexo masculino, portanto ao estudar a clase trabalhadora se faz necesario enfatiar sua heterogeneidade, portanto constutuidas por homens, mulheres, LGBTs entre outros segmentos.

No caso pesquisado, estudo a participação das mulheres no mercado de trabalho da construção civil. Esse setor que é herarquiados e tido como masculino é observado com a participação de mulheres. Essas encontram dificuldades ao adentrar ese mercado devido a apropriação do patriarcado pelo capital que as colocam em dificuldades de trabalarem como pedreiras por ser uma atividade que necesita de força, assim tendo que enfrentar o preconceito de a mulher ser vista como sexo frágil, que ese não é seu lugar.

O trabalho como instrumento de libertação, isto é, a pesar da mulher continuar responsável pela atividade doméstica, ela consegue ter independencia financeira.

VI. Bibliografía

ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a restruturação produtiva no Brasil.Termo IN: Ricardo Antunes e Maria Aparecida Moraes Silva. **O avesso do trabalho.** 1° edição. São Paulo: expressão popular, 2004. P. 13-27

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARVALHO, Alba M. Pinho de R. Pol. Públ., São Luís, Número Especial, p. 225-239, julho de 2014

CISNE, Mirla, **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social.** 2ª edição. São Paulo: Outras expressões, 2012.

IASI, Mauro Luis. **Ensaios sobre consciência e emancipação**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

LOBO, Elisabeth Souza, **A classe operária tem dois sexos*:*** trabalho, dominação e resistência. 2ª edição. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

MARX, Karl, **O capital.** V.1. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei.**As relações de gênero no trabalho e na reprodução.** Aurora, São Paulo, N°6, agosto de 2010. P.59-62 Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/6%20NOGUEIRA,%20Claudia%20Mazzei.pdf> Acesso em:13/14/2017

PINTO, Geraldo Augusto, **organização do trabalho no século 20.** 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado e violência**. 1° ediçã São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

SILVA, Mayra Rachel da. **Canteiro de obras, lugar de mulher? Um estudo sobre as relaçõesde gênero e trabalho no âmbito da construção civil de Fortaleza-CE** , 2013

SILVA, Severino Vicente da. Imagens da mulher em um livro didático. In: MARTÍN, Márcia Castillo; OLIVEIRA, Suely (orgs.). **Marcadas a ferro**, Brasília: Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, 2005, p.154-158.

ROMCY, Daniela; BRITES, Jurema G. As mulheres na construção civil: algumas notas a partir de um trabalho de campo, **Revista Vernaculo** n. 36, 2.º sem./2015 - Dossiê Gênero e Trabalho: desigualdades reconfiguradas.